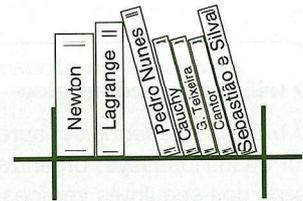


Para este número seleccionámos



O lugar dos professores: terceiro excluído?

António Nóvoa

Embora os professores estejam presentes em todos os discursos sobre educação, tem-se verificado que, a partir dos anos 90, se reforçaram, a diversos níveis, processos de exclusão dos professores. Recorrendo ao *bridge* e à metáfora do "lugar do morto", António Nóvoa analisa esses processos e reflecte sobre funções e papéis profissionais que são atribuídos aos professores.

Nos dias de hoje, há uma retórica cada vez mais abundante sobre o papel fundamental que os professores são chamados a desempenhar na construção da "sociedade do futuro". Um pouco por todo o lado, políticos e intelectuais juntam as suas vozes clamando pela dignificação dos professores, pela valorização da profissão docente, por uma maior autonomia profissional, por uma melhor imagem social, etc.

Nos programas de acção política ou nos discursos reformadores, nos documentos dos "especialistas" da União Europeia ou na literatura produzida pelos investigadores, reencontramos sempre as mesmas palavras, repetidas uma e outra vez, sobre a importância dos professores nos "desafios do futuro". Seja porque lhes cabe formar os recursos humanos necessários ao desenvolvimento económico ou porque lhes compete formar as gerações do século XXI, seja porque devem preparar os jovens para a sociedade da informação e da globalização, ou por qualquer outra razão, os professores voltam a estar no centro das preocupações políticas e sociais.

É muito interessante verificar o ressurgimento desta retórica, recorrendo até a imagens típicas do discurso iluminista da transição do

século XIX para o século XX. Todavia, é como *retórica* que estas intenções devem ser lidas, uma vez que a sua tradução na prática escolar ou nas políticas educativas é bastante limitada. Na verdade, os professores estão hoje submetidos a um conjunto de pressões sociais e políticas, que põem em causa a sua própria identidade profissional. Sem entrar em detalhes, parece-me útil apontar três destes processos contraditórios:

- Em primeiro lugar, a existência de um controlo mais apertado sobre o trabalho docente, devido a uma maior visibilidade pública dos professores e a um reforço dos dispositivos institucionais de avaliação, o que contradiz a retórica corrente sobre a autonomia profissional.
- Em segundo lugar, a desvalorização efectiva dos professores, sobretudo no que diz respeito às suas condições de trabalho, originada em grande medida pelas políticas economicistas dos últimos anos, o que contradiz a retórica sobre a melhoria do estatuto e do prestígio profissional.
- Em terceiro lugar, a intensificação do trabalho docente, no quadro das perspectivas de racionalização do ensino, que dificulta a partilha de experiências e a reflexão colectiva sobre a acção pedagógica, o que

contradiz a retórica dos professores como profissionais reflexivos.

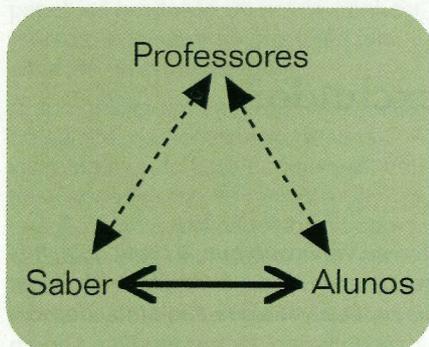
Na década de noventa, reforçou-se uma série de processos de *exclusão* dos professores, no quadro de uma redefinição que tende a modificar as funções sociais e os papéis profissionais que lhes estavam tradicionalmente atribuídos. Julgo oportuno explicar melhor estes processos, pois eles constituirão uma referência obrigatória dos debates sobre o futuro da profissão docente. Para tal, recorro à imagem do *bridge*, em parte já utilizada por Jean Houssaye (*Le triangle pédagogique*, 1988), na qual um dos parceiros ocupa o "lugar do morto", sendo obrigado a expor as suas cartas em cima da mesa: nenhuma jogada pode ser feita sem atender às suas cartas, mas este não pode interferir no desenrolar do jogo.

Imaginemos agora um triângulo no qual dois vértices criam uma relação privilegiada, representando o terceiro vértice o "lugar do morto". Este terceiro vértice não desaparece pura e simplesmente. Ele está presente, influencia toda a acção, mas não pode participar activamente no jogo. Ocupa uma posição passiva. É o *terceiro excluído*. De forma algo esquemática, apresento-vos três triângulos, que ilustram outros tantos processos de exclusão dos professores.

Este texto é publicado com autorização do autor e corresponde a uma adaptação escrita para o prefácio para a 2ª edição da obra *Profissão Professor* (Porto, Porto Editora, 1995).

O triângulo pedagógico

O *triângulo pedagógico*, apresentado por Jean Houssaye, organiza-se em torno dos seguintes vértices: os professores, os alunos, o saber.



A partir de uma relação privilegiada entre dois destes vértices, é possível imaginar, de forma necessariamente simplificada, três grandes modelos pedagógicos: a ligação entre os professores e o saber configura uma perspectiva que põe a tónica no ensino na transmissão de conhecimentos; a junção entre os professores e os alunos valoriza os processos relacionais e formativos; a articulação entre os alunos e o saber favorece uma lógica de (auto)aprendizagem.

Neste momento, interessa-me sublinhar as tendências que apontam para uma consolidação do eixo saber \leftrightarrow alunos, com os professores a ocuparem o "lugar do morto". Não pretendo, obviamente, criticar as situações pedagógicas que se apoiam em práticas de autoformação ou de autogestão das aprendizagens, mas sim alertar para o reaparecimento de movimentos que defendem uma *tecnologização do ensino*. As ideias não são novas, pois retomam as utopias das "máquinas de ensino" que conduziram ao eclipse dos professores. Mas hoje as evoluções tecnológicas e o sucesso das estratégias de expansão planetária dos equipamentos informáticos e de telecomunicações situam o debate numa nova perspectiva. Por outro lado, certas correntes da Psicologia, em particular das "novas teorias da aprendizagem", podem contribuir para reforçar este entendimento.

Está fora de causa uma qualquer reserva em relação à utilização pedagógica destes meios. Bem pelo contrário, eles constituem um poderoso instrumento de inovação e de mudança. O que me parece importante questionar é a forma como, por vezes, se constroem discursos teóricos que têm subjacente uma certa desvalorização da relação humana e das qualificações dos professores. O uso das tecnologias de ensino implica a aquisição de novas competências, mas também o reforço das competências tradicionais. É difícil imaginar um processo educativo que não conte com a mediação relacional e cognitiva dos professores.

O triângulo político

O *triângulo político*, melhor dizendo dos modos de organização do sistema educativo, desenha-se a partir dos seguintes vértices: os professores, o Estado, os pais/comunidades.

Durante muito tempo, as práticas institucionalizadas de educação foram objecto de uma transacção directa entre os professores e os pais/comunidades, quase sempre com a mediação da Igreja. A partir do século XVIII, o Estado ocupou a arena educativa consolidando uma ligação



privilegiada aos professores, que conduziu ao afastamento dos pais/comunidades. Hoje em dia, há uma tentativa de reforço dos laços entre o Estado e os pais/comunidades relegando os professores para o "lugar do morto".

O movimento reformador dos anos oitenta trouxe para a ribalta o problema da participação dos pais/comunidades nas decisões do foro educativo. Após um tempo longo de afastamento, impunha-se reconhecer a necessidade de uma presença mais activa dos pais e dos actores locais na organização das diferentes modalidades de ensino. É uma questão que deve ser vista à luz de uma reorganização mais ampla dos modos de intervenção do Estado na vida económica e social.

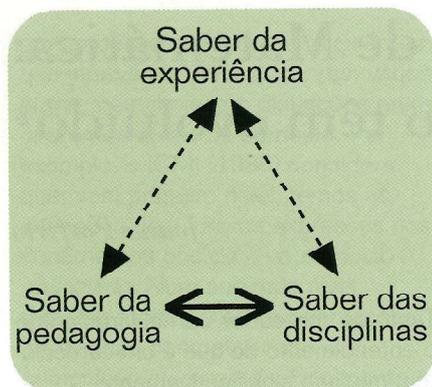
Curiosamente, na área da educação, o debate foi introduzido através da agenda política da *privatização do ensino*, inscrita como uma das prioridades para os anos noventa. A ideia de uma educação ao "serviço dos clientes" parece consensual; mas quando se olha para a ambiguidade do conceito, percebe-se que há sobretudo a vontade de pautar o ritmo educativo por uma lógica de mercado e de impor às escolas critérios de eficácia que não tomam em linha de conta a especificidade do trabalho pedagógico. Tem-se assistido, assim, a um novo autoritarismo do Estado na área da educação, o qual faz parte, paradoxalmente, da agenda da privatização.

Creio que o ciclo histórico dos Estados docentes, e dos professores-funcionários, está a chegar ao fim. O novo papel dos pais e das comunidades na gestão dos assuntos educativos é uma das realidades decisivas da fase que agora se abre. Mas é impensável que a mudança leve a uma redução do poder dos professores.

O triângulo do conhecimento

O *triângulo do conhecimento* procura traduzir a existência de três grandes tipos de saberes: o saber da experiência (professores); o saber da pedagogia (especialistas em ciências da educação); e o saber das disciplinas (especialistas dos diferentes domínios do conhecimento).

Nos períodos de inovação educacional, há uma certa tendência para



valorizar a ligação dos professores aos especialistas pedagógicos. Nos momentos mais conservadores, procura-se juntar o saber da experiência ao saber das disciplinas. Actualmente, o saber dos professores tende a ser desvalorizado em favor de um saber científico (da pedagogia ou das outras disciplinas).

Um dos paradoxos principais na história dos professores reside no facto de os tempos-fortes da reflexão científica em educação contribuírem para um maior prestígio social da profissão, mas também, e simultaneamente, para uma certa desvalorização dos seus saberes próprios. Na verdade, a afirmação do saber da pedagogia (dos especialistas em ciências da educação) faz-se frequentemente a partir de uma depreciação do saber da experiência (dos professores). As práticas de *racionalização do ensino* contêm os elementos de uma deslegitimação dos professores como produtores de saber.

Uma maneira interessante de ilustrar este paradoxo é falar de dois momentos fundamentais na história da formação de professores em Portugal: a criação das escolas normais primárias republicanas (anos vinte) e das escolas superiores de educação (anos oitenta). Num e noutro caso, os professores do ensino primário foram excluídos como formadores dos seus futuros colegas, uma vez que foram impedidos de leccionar nas instituições de formação (ainda que, a pouco e pouco, se tenham criado possibilidades de reintegração).

Hoje em dia, a vontade de reforçar o saber das disciplinas e a expansão muito significativa dos especialistas em ciências da educação (e também a valorização dos cursos em ciências da educação como elemento de progressão na carreira docente) implicam uma menor atenção ao saber da experiência: os professores arriscam-se, uma vez mais, a sentarem-se no "lugar do morto"...

É verdade que os professores estão presentes em todos os discursos sobre a educação. Por uma ou por outra razão, fala-se sempre deles. Mas, muitas vezes, eles são o *terceiro* excluído. Tal como no bridge, nenhuma jogada pode ser delineada sem ter em atenção as cartas que estão em cima da mesa. Contudo, o jogador que ocupa o "lugar do morto" não pode ter uma estratégia própria: ele é o referente passivo de todos os outros.

Apesar de ter insistido nas formas de exclusão dos professores, legitimadas em processos de *tecnologização*, de *privatização* e de *racionalização* do ensino, não ignoro a existência de outros movimentos que vão em sentido contrário. As realidades educativas são paradoxais e, frequentemente, contraditórias. Todo o esforço teórico para as tentar compreender tem de fugir às linearidades explicativas e reflectir a complexidade das posições em confronto.

Os triângulos que apresentei, a partir da metáfora do bridge, são simplificações óbvias. E como tal devem ser lidos. Na melhor das hipóteses constituem "pontas" para uma reflexão, sempre necessária, sobre a *Profissão Professor*. Admito que uma análise mais aturada destes triângulos permita esclarecer algumas das dificuldades actuais dos professores. É uma sugestão que aqui deixo, sempre com a mesma intenção de estimular um pensamento crítico sobre a profissão docente.

António Nóvoa
Universidade de Lisboa

A escola na literatura

A VERDADE

Je ne crois que les histoires dont les témoins se feraient égorger!

Pensées, Pascal

Eu tinha chegado tarde à escola. O mestre quis, por força, saber porquê. E eu tive que dizer: Mestre! quando saí de casa tomei um carro para vir mais depressa, mas, por infelicidade, diante do carro caiu um cavalo com um ataque que durou muito tempo. O mestre zangou-se comigo: Não minta! diga a verdade!

E eu tive que dizer: Mestre! quando saí de casa... minha mãe tinha um irmão no estrangeiro e, por infelicidade, morreu ontem de repente e nós ficámos de luto carregado.

O mestre ainda se zangou mais comigo: Não minta! diga a verdade!!

E eu tive de dizer: Mestre! quando saí de casa... estava a pensar no irmão da minha mãe que está no estrangeiro há tantos anos, sem escrever. Ora isto ainda é pior que se ele tivesse morrido de repente porque nós não sabemos se estamos de luto carregado ou não.

Então o mestre perdeu a cabeça comigo: Não minta, ouviu? diga a verdade, já lho disse!

Fiquei muito tempo calado. De repente, não sei o que me passou pela cabeça que acreditei que o mestre queria efectivamente que lhe dissesse a verdade. E, criança como eu era, pus todo o peso do corpo em cima das pontas dos pés, e com o coração à solta confessei a verdade: Mestre! antes de chegar à Escola há uma casa que vende bonecas. Na montra estava uma boneca vestida de cor-de-rosa! Mestre! a boneca estava vestida de cor-de-rosa! A boneca tinha a pele de cera. Como as meninas! A boneca tinha tranças caídas. Como as meninas! A boneca tinha os dedos finos. Como as meninas! Mestre! A boneca tinha os dedos finos...

José de Almada Negreiros
1921